

Literatura, educação e as leituras transdisciplinares de telas e textos no espaço virtual

Ângela Maria Bedeschi Faria (angelambfaria@uol.com.br)
<http://lattes.cnpq.br/9599050499378199>

“A rede não tem centro, ou melhor, possui permanentemente diversos centros que são como pontas luminosas perpetuamente móveis, saltando de um nó a outro, trazendo ao redor de si uma ramificação infinita de pequenas raízes, de rizoma (...)”

Pierre Lévy. *As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática*. p. 26

Mediante um cenário de transformações e a velocidade pela qual se processam, nós, leitores e construtores da noção de mundo e do saber, nos vimos incitados a proceder à revisão de conceitos sobre a nossa participação num contexto cultural movediço e permeável a inovações.

Não bastasse a irrupção de mudanças no âmbito da filosofia, das artes e da ciência, que penderam para dimensões como a heterogeneidade, a diferença, a fragmentação e as incertezas, a quebra de paradigmas implicou a crise de valores. E baseada nessa pauta de rejeição às posturas definitivas, a epistemologia contemporânea amplia o questionamento das verdades absolutas e de verossimilhanças, tão caras à epistemologia ocidental.

Com a diluição de fronteiras entre as áreas do conhecimento, favorecida pela reflexão de pensadores como Thomas Khun, Jurgen Habermas, Michel Foucault, Lyotard, Stuart Hall, Jacques Derrida, Edgar Morin e outros, se instaura a crise dos princípios das ciências, das artes, da filosofia e da história. A desconstrução, que se estabelece a partir de uma atitude inquieta em busca de contradições de conteúdos caracterizados plenos, se configura como uma prática de leitura crítica, que revoluciona o campo das idéias.

Foucault, ao problematizar as metanarrativas e a centralização do poder no âmbito do Estado, salienta que, na atualidade, a atenção se desloca para os fenômenos de ruptura, para as pequenas esferas, ou seja, para a microfísica do poder. Este se estratifica em diversas instâncias, nas quais a voz de um comando se faz presente, ensejando

resguardar uma suposta ordem, a que a sociedade deveria se submeter (prisões, hospitais, asilos, escolas, universidades). No campo das idéias, detectar a incidência das interrupções se prioriza ao invés das grandes continuidades do pensamento. Não mais resguardar a imagem de uma memória milenar coletiva.

O problema não é mais a tradição e o rastro, mas o recorte e o limite; não é mais o fundamento que se perpetua, e sim as transformações que valem como fundação e renovação do fundamento.

Em suma, a história do pensamento, dos conhecimentos, da filosofia, da literatura, parece multiplicar as rupturas e buscar todas as perturbações da continuidade (...) (FOUCAULT. 1995. p. 63)

O que se percebe é a relativização de valores concernente à visão de mundo, à aquisição do saber, ao comportamento da sociedade, que sofre o impacto de inúmeras mudanças não só referentes à ruptura de paradigmas em todas as áreas do conhecimento, mas, sobretudo, pela inserção das novas tecnologias no seu cotidiano.

Em correspondência com a inflexão foucaultiana, Stuart Hall reflete sobre as formas culturais surgidas pelo processo de desterritorialização de diaspóricos, que se apresentam hoje como desafio para as ciências, como a Antropologia, a Etnologia, a Lingüística e para os Estudos Culturais. A migrância de povos pós-colonizados, cuja maioria recorre aos países da língua de origem (colonizadores) em busca de projeção social (emprego ou estudo), redundando no inter-relacionamento e na permuta de bens simbólicos (língua, tradição, cultura) com outras alteridades. Nessa zona de contato e atrito, onde a sobrevivência quase sempre se define na pauta de negociação, novas encenações se insinuam entre os sujeitos de culturas díspares, à feição de um grande hipertexto labiríntico. Ali, eles reconstroem suas histórias, ao mesmo tempo em que se delineia o espaço híbrido.

Segundo o teórico, a atenção deveria se voltar para a reprodução cultural, para a afetação à lealdade dos grupos e para suas formas de riqueza. Consente que tais sujeitos perderam a consciência do seu país, mantendo-a, em seu imaginário, de uma forma não mais condizente com a realidade. Nesse impasse, cabe aos Estudos Culturais e às ciências competentes captarem esse processamento, avaliando o impacto e a tensão configurados nessa instância relacional, onde se dão as experiências nem sempre tranqüilas. Ao tratar da desterritorialização de caribenhos, Hall pontua:

(...) as configurações sincretizadas da identidade cultural caribenha requerem a noção derridiana de *différance* – uma diferença que não funciona através de binarismos, fronteiras veladas que não separam finalmente, mas são também *places de passage*, e significados que são posicionais e relacionais, sempre em deslize ao longo de um espectro sem começo nem fim (HALL. 2003. p. 33)

A movência em rede, que se estabelece pelo cruzamento de povos, línguas e bens simbólicos, impulsiona a alteração da consciência histórica desses sujeitos em contato, viabilizando-lhes um mundo em transmutação.

A LITERATURA E AS LINGUAGENS NO ESPAÇO VIRTUAL

Em nossa era das mídias eletrônicas os sistemas culturais têm múltiplos centros de normatização e escalas de valores diversificados. Essa dispersão é legitimada por duas grandes instituições culturais: o sistema educacional vigente, que não lida mais exclusivamente com produtos da alta literatura (Estudos Culturais) e os próprios meios massivos que têm como alvo a construção de audiência heterogênea. Com o fenômeno da digitalização, a interiorização da mídia na percepção humana do mundo se amplia. Os impulsos digitais, sem nenhuma reciprocidade analógica, estimulam e excitam o leitor por um lapso de segundo a se dispor de um hipertexto: textos, som e imagens são integrados e disponibilizados por *links*, verificando-se a interação com o mundo. Nesse contexto “os dados representam a matéria-prima de um processo intelectual e social vivo e altamente elaborado” (LÉVY. 1999. p. 245).

No tocante à relação professor / aluno, uma série de mudanças tem demarcado uma nova postura de ambos. O primeiro, ao invés de ser reprodutor de conteúdos, passa a ser o mediador, conduzindo o aluno ao espírito de pesquisa. Este, de receptor passivo que era, passa a ser construtor do seu conhecimento. Se ao professor cabe a investigação dos procedimentos e a utilização de uma metodologia adequada; ao aluno cabe a responsabilidade de selecionar os conteúdos disponibilizados em rede e apreender de forma dinâmica o que lhe é dado desvendar. Uma vez que desfruta de liberdade, para transitar num espaço diversificado, ele deve se compenetrar da sua busca, uma vez que pode deparar com fontes não fidedignas. Além desse recurso, esse aluno está ligado a uma rede que viabiliza sua sociabilização e captação de informações que facilitem sua

pesquisa. Além disto, pode-se valer dos *blogs*, *e-mails*, *chats*, e outros recursos que já se tornaram indispensáveis às atividades cotidianas, ampliando sua comunicação.

Um percentual de obras hoje, já tem sido apresentado em forma de seriados televisivos, cinema ou DVD, com grande adesão do público. Há leitores que chegam a opinar sobre conteúdos literários ou históricos sem ter tido contato com o livro-objeto. Esse fato não quer dizer que a leitura livresca já está sendo preterida. Porém, há que reconhecer que a imagem exerce maior fascínio sobre os leitores, inclusive para os da geração *zapping*. Só para citarmos um exemplo, os documentários apresentados na forma de DVD ou mesmo as narrativas fílmicas de obras literárias se tornaram mais apreciáveis aos alunos. Se indagados, logo manifestam sua preferência por aquelas narrativas, mencionando aspectos dessa leitura: rapidez, possibilidades de sentidos (a tela e o texto) e de interação, pois há como tecer comentários durante projeções com mais de uma pessoa ou um grupo. Esse leitor-espectador está em processo de apropriação criativa e de outra codificação, cuja implicação tem seu ponto alto na fluência com a qual acessa as fontes. Baseando-se nessa possibilidade, Lévy nos adverte ainda quanto a uma outra: a de um leitor se tornar autor. Nesse caso, “qualquer um (grupo ou indivíduo) pode colocar em circulação obras ficcionais, produzir reportagens, propor suas sínteses e sua seleção de notícias sobre determinado assunto” (LÉVY, 1999: 240).

Transitando o nosso olhar para outros segmentos da sociedade, verificamos que ela não se sustenta mais sem o concurso da mídia, das novas tecnologias e da Internet. Atentando para as conquistas de ferramentas de que o homem se vale para se assegurar no seu dia-a-dia, pontua Luiz Nazário:

Evoluímos, em poucas décadas, do bisturi ao *laser*, da patologia clínica aos testes de DNA; do forno elétrico ao microondas; do avião supersônico ao ônibus espacial; da máquina de calcular ao supercomputador; do PC ao *laptop*; da caneta esferográfica à caneta eletrônica; da TV aberta à TV a cabo; da TV analógica à HDTV; da câmera fotográfica à câmera digital; do VHS ao DVD; dos palácios de cinema ao multiplex; das salas IMAX às salas digitais; da impressão em *off set* à reprodução digital; do jornal à Internet; da carta ao *e-mail*; do livro ao *e-book*; do telefone ao telefone sem fio; do celular ao celular-internet; dos telefonemas espaciais às sondas que enviam mensagem à Marte; dos protótipos de autômatos aos robôs industrializados (NAZÁRIO. 2005. p. 391-392).

A partir desse panorama, inferimos que já se tornou inconcebível a vida sem o computador e sem a conseqüente qualificação na informática, tendo em vista a necessidade de sobrevivência dos indivíduos no contexto informatizado.

A EDUCAÇÃO EM RELAÇÃO À ESTÉTICA HIPERTEXTUAL

A estética hipertextual tem concedido ao professor / aluno leituras numa proporção pluridimensional, propiciando-lhe não somente sua conexão com o texto e a imagem, com o contexto local e o global, mas, sobretudo, o estímulo à pesquisa e à criatividade.

Mediante essa abordagem não podíamos deixar de mencionar a proposta de Edgar Morin, um dos mais instigantes pensadores da atualidade, quanto à aquisição do conhecimento veiculado em rede. O sociólogo, através da sua obra *Os sete saberes necessários à educação do futuro*, propõe o que deveria ser ensinado aos educandos, trazendo à reflexão a educação pertinente. Para ele, ela está apta a desenvolver a capacidade de ligar as partes ao todo e o todo às partes, o que resultaria na abrangência do conhecimento (MORIN, 2006).

O sociólogo enumera, assim, sete aspectos que deveriam ser enfrentados pelo sistema educacional, para se obter uma educação mais condizente com a contemporaneidade. O primeiro diz respeito ao fato de não se ensinar “o que é o conhecimento”, de modo a combater o erro e a ilusão; o segundo aponta para a ausência de um conhecimento pertinente; o terceiro alude à identidade humana, quase sempre “ignorada pelos nossos programas de instrução”; o quarto aponta para a constatação de que não se ensina como compreender uns aos outros; o quinto salienta o procedimento de se ensinar apenas as certezas, ao invés de se atentar para a certeza da incerteza; o sexto remete à realidade de nossa condição planetária da era globalizada e o sétimo reflete sobre a questão antro-po-ética, uma vez que “os problemas da moral e da ética diferem entre culturas e na natureza humana”.

Nesse sentido, Morin deixa entrever que a abrangência do conhecimento depreende a interação em rede, que favorece o diálogo do leitor com textos e linguagens, uma vez que o hipertexto viabiliza a conexão entre diferentes áreas do saber. Pode-se inferir que tanto o educador quanto o educando têm sido desafiados a interagir de maneira

mais dinâmica com tais recursos. Para tanto, torna-se fundamental seu envolvimento com o ambiente tecnológico, a fim de que dele possa desfrutar satisfatoriamente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

FOUCAULT, Michel. **A arqueologia do saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995.

HALL, Stuart. **Da diáspora identidades e mediações culturais**. Org. Liv Sovi. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1996.

_____. **Ciberculcutra**. Tradução de Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1999.

MORIN, Edgar; SILVA, Catarina; SAWAYA, Jeanne; CARVALHO, Edgar de Assis. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 11.ed. Brasília: UNESCO, 2006.

NAZÁRIO, Luiz. Pós-modernismo e novas tecnologias. In: GUINSBURG, J.; BARBOSA, Ana Mae. **Pós-modernismo**. São Paulo: Perspectiva, 2005.

SANTOS, Luis Alberto Brandão, PEREIRA, Maria Antonieta. **Trocas Culturais na América Latina**. Belo Horizonte. Editora UFMG, 2000.

SOUZA, Eneida Maria. **Crítica Cult**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

SOBRE O AUTOR

Ângela Maria Bedeschi Faria é mestre em Teoria da Literatura pela Universidade Federal de Minas Gerais e integrante do grupo de pesquisa, coordenado por Haydée Ribeiro Coelho, intitulado Literatura, cultura e interlocuções latino-americanas no suplemento literário do Minas Gerais e no semanário *Marcha* (1966-1973): Confrontos, junto ao CNPQ.